

DOIS “MAS” EM PORTUGUÊS? UMA RETOMADA DA TEORIA DE DUCROT PARA REFLETIR O FUNCIONAMENTO DO ENUNCIADO “NÃO TENHO PRECONCEITO, MAS...”

MARCO ANTÔNIO ROCHA¹

<https://orcid.org/0000-0002-7484-3639>

RESUMO: O linguista Oswald Ducrot há muito dedica-se no desenvolvimento de sua Teoria da Argumentação na Língua (ADL). É a ela que retornamos para tentar compreender o funcionamento do conectivo “mas”, principalmente no que tange a enunciados como “não tenho preconceito, mas...”. Entretanto, embora quiséssemos focar apenas nesse enunciado e no funcionamento do “mas”, fez-se necessário abarcar outros conceitos da teoria de Ducrot, como o da negação polêmica e o da escala argumentativa. Dessa maneira, a maior parte deste trabalho é dedicada à revisitação e à discussão da análise de Vogt e Ducrot (1980) a respeito dos dois tipos de “mas” (SN e PA), principalmente com a leitura de Veras (1989) sobre ela. Por fim, a partir de uma percepção de falante da língua, entendemos que o “masSN” tem desaparecido do português brasileiro como conectivo, sendo seu sentido expresso por outra estrutura sintática. Assim, o “mas” no enunciado que analisamos ao final da discussão comprova tratar-se de um “masPA”, pois o sujeito-falante não pretende negar a conclusão de seu interlocutor, apenas diminuir a força de tal conclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Mas. Teoria da Argumentação na Língua (ADL). Semântica argumentativa.

ABSTRACT: *Ducrot has long been dedicated to developing his Theory of Argumentation in Language (ADL). We return to it to try to understand the operation of the linking word “but”, mainly with regards to sentences such as “I don’t have prejudice, but...”. However, although we wanted to focus only on this sentence and on the operation of “but”, we had to look at other concepts of Ducrot’s theory, such as polemical negation and argumentative scale. Thus, we dedicate the most part of this work to review and to discuss Vogt and Ducrot’s (1980) analyses about the two types of “but” (SN and PA), mainly with Vera’s (1989) reading about it. Eventually, from a speaker perception, we learned that the “butSN” has been disappearing from Brazilian Portuguese as a linking word, and its sense is being expressed by another structure. Thereby, the “but” in the sentence we analyzed in the end of this discussion proves to be a “butPA”, because the speaker does not intend to negate their interlocutor’s conclusion, but just decrease his/her conclusion’s strength.*

KEYS WORDS: *But. Theory of Argumentation in Language (ADL).*

INTRODUÇÃO

Quem nunca escutou uma frase do tipo “não tenho preconceito, mas...” e, logo em seguida, um comentário extremamente preconceituoso? Se o falante sabe que o conectivo expressa uma ideia oposta ao que ele havia dito antes, por que ainda enuncia que “não tem preconceito”? Para tentar responder a essa questão, buscamos as análises do conectivo “mas” dentro da Teoria da Argumentação na Língua (doravante ADL, do francês *l’Argumentation Dans la Langue*), propostas pelos linguistas franceses Jean-Claude Anscombre e Oswald Ducrot no início da década de 1980. Os autores defendem que todo uso da língua é argumentativo, ou seja, que todo enunciado direciona para uma conclusão, pois tem o objetivo de agir sobre o

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) com ênfase em Linguística. E-mail: marco.rocha91@gmail.com

mundo. Isso acontece porque, para os autores, a língua oferece todos os recursos necessários para a argumentação sem precisar recorrer a qualquer tipo de elementos externos a ela.

Dentro dessa perspectiva, os principais estudos desenvolvidos pela ADL versaram sobre os conectivos linguísticos como “portanto”, “logo”, “embora”, “mas”, “até” etc., uma vez que estes apresentam valores argumentativos em enunciados. Ou seja, a partir da demonstração de que esses conectivos são responsáveis pela argumentação, a teoria se sustenta ao afirmar que a argumentação está **na** língua, **dentro** dela.

Embora a teoria de Anscombe e Ducrot venha sendo modificada e tenha passado por três fases até o momento — a saber, a forma padrão da teoria, a teoria dos *topoi* argumentativos e, a mais recente, a teoria dos blocos semânticos —, os pressupostos teóricos e metodológicos continuam os mesmos. O estudo apresentado neste trabalho sobre o conectivo “mas” parte dos pressupostos da primeira fase, a forma padrão da teoria, pois as outras fases, por mais que mantivessem os mesmos pressupostos, ocuparam-se de outras questões, deixando o estudo dos conectivos um pouco de lado.

OS “MAS” NA TEORIA PADRÃO DA ADL

Em 1980, Carlos Vogt e Oswald Ducrot publicaram um trabalho intitulado “De *magis* a *mas*: uma hipótese semântica”. Nele, os autores discutem o valor argumentativo do conectivo “mas” a partir da evolução do advérbio latino “*magis*” para algumas línguas românicas, como português, francês e italiano. Entretanto, o conectivo “mas” do português, assim como “*mais*” do francês e “*ma*” do italiano, não é apenas um; em cada um desses vocábulos nessas línguas estão inscritos dois sentidos diferentes. Esses sentidos podem ser equiparados aos conectivos “*pero*” e “*sino*” do espanhol, ou “*aber*” e “*sondern*” do alemão, que, diferentemente do português, do francês ou do italiano, não vieram do advérbio “*magis*”. Para diferenciar esses dois sentidos, os autores empregam a notação **mas_{SN}** para o sentido de “*sino/sondern*” e **mas_{PA}** para o sentido de “*pero/aber*”.

A hipótese de Vogt e Ducrot (1980) é a de que a conjunção adversativa “mas” mantém as mesmas características semânticas de estruturas comparativas do advérbio latino “*magis*” do qual se originou. Os autores explicam que estruturas como **A mais que B** têm forte relação com estruturas **B mas A**: ambas estabelecem uma comparação, assim como também estabelecem a negação de B e, ao mesmo tempo, a sua manutenção. Por exemplo, tomemos as duas afirmações que aparecem no texto dos autores:

(1) Pedro é mais inteligente que João

A mais que B

(2) João é inteligente, mas Pedro é inteligentíssimo

B mas A

A sentença (1) é evidentemente uma comparação, mas os autores querem mostrar que a sentença (2) também é uma comparação: ela compara o grau de inteligência de Pedro e João: se João é inteligente e Pedro é inteligentíssimo, logo Pedro é mais inteligente que João. Além disso, eles afirmam que é possível um termo ser negado e mantido ao mesmo tempo porque a negação linguística é diferente da negação lógica: ao se negar um enunciado não se postula que ele é falso, apenas que ele não serve para determinada argumentação. No exemplo dos autores, dizer que “Pedro é mais inteligente que João” não significa dizer que João não é inteligente, mas sim que ele é menos inteligente que Pedro. Quando parafraseado, fica mais fácil demonstrar como esse enunciado não estabelece uma negação lógica, mas uma negação

argumentativa: em “João **não** é tão inteligente quanto Pedro”, essa negação não nega a inteligência de João como negaria se a asserção fosse “João não é inteligente”. Por isso, mesmo que B seja negado na comparação, ele é também mantido, uma vez que João não deixa de ser inteligente.

Para Vogt e Ducrot (1980), é justamente a relação de forças entre **negar** e **manter** que diferencia as duas funções de “mas” no português.

A primeira delas, o **mas_{SN}**, tem a mesma função do espanhol “*sino*” e do alemão “*sondern*”: ela introduz uma proposição, sempre negativa, com o objetivo de retificar a proposição anterior, como no exemplo “ele não é professor, mas médico”. Ao se fazer essa afirmação, a negação na proposição **p** nega **p'**, que seria uma afirmação de um interlocutor (real ou imaginário), e a retifica em **q**.

(3) X: Ele é professor.

Y: Ele não é professor, **mas_{SN}** médico.

B **mas** **A**

p' = ele é professor

p = ele não é professor = **neg.** + **p'**

q = ele é médico = **retificação de p'**

Vogt e Ducrot (1980) postulam que essa função do “mas” estabelece uma **negação forte** de B, uma vez que a proposição é totalmente rejeitada e retificada pela que aparece em A. Entretanto, como a negação linguística não se trata de uma negação lógica, o enunciado B dá certo valor à proposição que ele apresenta só pelo fato de reconhecer a sua existência no discurso do outro, no discurso relatado. Por isso, os autores postulam que a **manutenção** de B, nesse caso, é **fraca**: ela existe, mas a força do argumento é direcionada para a retificação.

A segunda função do conectivo, o **mas_{PA}**, se assemelha ao espanhol “*pero*” e ao alemão “*aber*”: ela introduz uma proposição que orienta para uma conclusão oposta do que se esperava pela proposição anterior à que é introduzida pelo “mas”, como em: “Esta casa é bonita, mas é cara”, uma vez que “ser bonita” seria argumento para comprá-la, enquanto “ser cara” é argumento para não a comprar, o que prevalece no final das contas. Justamente por isso não se trata apenas de uma retificação, mas de uma argumentação em favor de determinada conclusão contrária à que se esperaria: “comprar a casa”.

Segundo Vogt e Ducrot (1980), o propósito do enunciado **não B, mas_{SN} A** é negar B e, por isso, estabelece uma negação forte. Por outro lado, o tema do enunciado **B, mas_{PA} A** é argumentar a favor da conclusão estabelecida por A, ou seja, não é tanto a negação do enunciado do outro que importa. Vejamos:

(4) Esta casa é bonita, **mas_{PA}** é cara.

B **mas** **A**

p = esta casa é bonita

p → **r** (vamos comprá-la)

q = [esta casa] é cara

q → **~r** (não vamos comprá-la)

p, mas q → **~r** (não vamos comprá-la)

vantajoso “dar razão” ao outro a fim de melhor enredá-lo em seu equívoco. (DUCROT, 1980, p. 125-126, grifo nosso)

O outro não é outro senão o alocutário do enunciado para quem o locutor dirige sua fala. No exemplo de Vogt e Ducrot (1980), é fácil perceber esse outro. O enunciado “tenho vontade de passear, mas tenho dor no pé”, apresentado como exemplo pelos autores, é facilmente identificado como resposta negativa a um possível convite para um passeio: embora a primeira parte da resposta do enunciador seja positiva “tenho vontade de passear” (B) e pareça indicar uma conclusão a favor do convite (r), a oração seguinte “mas tenho dor no pé” (mas A), introduzida pelo **mas_{PA}**, inverte a orientação argumentativa e aponta para a conclusão contrária “não irei” (~r). Entretanto, o alocutário de “eu não tenho preconceito” é mais difícil de ser percebido, mas não impossível. É muito provável que esse enunciado se dirija, com o objetivo de suavizar o que vem depois, a alguém que possa acusá-lo de preconceituoso. E isso pode acontecer justamente pela negação presente nele, que é a análise que pretendemos desenvolver na seção seguinte.

AS NEGAÇÕES EM MAS_{SN} E MAS_{PA}

Os enunciados dos quais tratamos até então são considerados por Ducrot como polifônicos. A noção de polifonia foi apresentada pelo autor em seu artigo publicado em 1984, “Esboço de uma teoria polifônica”. Em poucas palavras, Ducrot (1987) defende que o locutor de um enunciado não é apenas um: a partir da teorização da polifonia de Bakhtin, o autor postula um desdobramento do sujeito na enunciação entre locutor e enunciadores, em que locutor seria a voz predominante do enunciado enquanto os enunciadores seriam as várias vozes nele presentes.

Ducrot introduziu uma distinção [...] entre locutor e os enunciadores. O *locutor* é aquele que, segundo o enunciado, é responsável pela enunciação. Ele deixa marcas em seu enunciado, como, por exemplo, os pronomes da primeira pessoa. O locutor é capaz de pôr em cena *enunciadores*, dissociando-se com pontos de vista. Ele pode se associar a alguns enunciadores, dissociando-se completamente de outros. É importante sublinhar que todos esses “seres discursivos” são seres abstratos. O que diz respeito ao ser falante real não interessa a Ducrot (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2016, p. 385, grifos dos autores).

Por exemplo, no enunciado (2) “Pedro é inteligente, mas João é inteligentíssimo”, há um locutor que o enuncia, mas há também a presença de dois enunciadores que se opõem no discurso. “Pedro é inteligente” trata-se de um E1 que defende a inteligência de Pedro enquanto “João é inteligentíssimo” trata-se de um E2 que procura afirmar a inteligência de João em detrimento da de Pedro: João é mais que Pedro. Ducrot (1987) afirma que essas duas vozes estão presentes no enunciado porque o locutor não pode ser responsável, sozinho, pelas duas afirmações, logo, é necessário que haja outra voz defendendo uma posição contrária para que o locutor possa refutá-la. O que prevalece como a posição do locutor, afinal, é E2.

Assim como enunciados que apresentam **X mas Y** são polifônicos, a negação linguística também é. Inclusive, foi a partir da observação da negação que Ducrot começou a desenvolver sua teoria polifônica.

[...] uma enunciação negativa se apresenta muito frequentemente como oposta a uma afirmação prévia — que esta tenha sido efetivamente emitida pelo destinatário, ou que se lhe atribua ou que se suspeite que ela a subscreve. Assim, parece difícil anunciar a alguém *Pedro não é primo de Maria*, se ninguém antes tenha pretendido que ele o fosse (DUCROT, 1981, p. 95).

Ducrot (1981), então, categoriza as negações como **descritiva, metalinguística e polêmica**. A primeira corresponde a um enunciado de conteúdo negativo sem que o locutor se oponha a um enunciado contrário, por exemplo, quando o locutor constata “o dia não foi bom”. A segunda é o enunciado de um locutor em oposição ao enunciado de outro locutor, ou seja, opõe dois locutores. Por exemplo, se X afirma “Pedro foi embora”, e Y o responde com “Pedro não foi embora, ele está no banheiro”, a negação em Y trata-se de uma negação metalinguística, pois ela refuta a afirmação de outro locutor. Por fim, a negação polêmica opõe dois enunciadores, e não locutores, com pontos de vistas diferentes. Por exemplo, se X afirma “Pedro não é inteligente”, em seu enunciado, está presente a voz de um enunciador (E1) que produz um enunciado positivo “Pedro é inteligente”, assim como a de outro enunciador (E2) que rechaça seu ponto de vista, “Pedro não é inteligente”. O locutor desse enunciado identifica-se com E2, mas precisa reconhecer a existência de um E1 para que possa enunciar.

Com efeito, parece difícil anunciar a alguém “eu não tenho preconceito” se ninguém antes tivesse julgado que se tivesse, ou seja, trata-se de uma negação polêmica: esse enunciado apresenta um E1 que enuncia “você tem preconceito” para que o E2 “eu não tenho preconceito” possa acontecer na língua. Contudo, ainda que Ducrot tenha tratado da negação polifônica, ele não levou em consideração enunciados que apresentassem uma negação em **p** em enunciados como **p, mas_{PA} q**, tais quais “não tenho preconceito, mas...”. Entretanto, Viviane Veras (1989) discute a questão das negações nesses enunciados em sua dissertação de mestrado.

Para alcançar a análise de Veras (1989), voltemos antes aos exemplos já tratados aqui por Vogt e Ducrot (1980):

(3) Ele não é professor, mas_{SN} médico.

(4) Esta casa é bonita, mas_{PA} é cara.

Por se tratar de uma retificação, a estrutura de **mas_{SN}** sempre apresenta uma negação gramatical na proposição **p**, o que não acontece com o **mas_{PA}**. Por isso, é possível definir que o **mas_{SN}** se apresenta estruturalmente como **não B, mas_{SN} A**. Por outro lado, seria possível postular que o **mas_{PA}** nunca apresenta uma negação gramatical em B, uma vez que se apresenta estruturalmente como **B, mas_{PA} A**? Veras (1989) discorre sobre os tipos de negação que aparecem com os dois “mas” e diverge da análise de Vogt e Ducrot em alguns pontos.

(6) X: Ele é inteligente.

Y: Ele não é inteligente, mas_{SN} (é) esperto.

(7) X: Ele não é inteligente.

Y: Ele não é inteligente, mas_{PA} é esperto.

Veras (1989) retoma a análise de Ducrot (*apud* VERAS, 1989) ao afirmar que a negação em (6) é uma negação polêmica porque refuta a afirmação de X — sendo X outro locutor, presente ou imaginário no discurso —, ao passo que, em (7), trata-se de uma negação descritiva, pois já está presente no enunciado de X. Entretanto, a autora discorda desse tipo de negação apontando outro exemplo — que se assemelha muito ao exemplo a ser analisado neste trabalho:

(8) X: Ele é inteligente.

Y: Ele não é inteligente, mas_{PA} é esperto.

Nesse caso, a negação de Y é polêmica, pois refuta o enunciado de X. De acordo com Anscombe e Ducrot (*apud* VERAS 1989), nesse contexto, só poderia ocorrer um **mas_{SN}**. Entretanto, Veras (1989) entende que também pode acontecer um **mas_{PA}**. Vejamos sua argumentação:

p' = ele é inteligente
 p' → r (ele vai passar no exame)
 p = neg + p' = ele não é inteligente
 p → ~r (ele não vai passar no exame)
 q = ele é esperto
 q → r (ele vai passar no exame)
 p, mas_{PA} q → r (ele vai passar no exame)

Assim, Veras (1989, p. 80, grifo da autora) postula que também é possível ocorrer uma negação polêmica com **mas_{PA}** e afirma que “o que determinaria o tipo de **mas** a ser usado não seria um critério distribucional [...] mas as intenções argumentativas do locutor do enunciado *p mas q*”. Se o locutor pretende apenas refutar o enunciado do outro e, então, retificá-lo, interpreta-se **mas_{SN}**; por outro lado, se o locutor pretende refutar o enunciado do outro, mas ainda assim argumentar na mesma direção, interpreta-se **mas_{PA}**.

O que acontece, de fato, é que o **mas_{PA}**, quando inserido em um enunciado com uma negação polêmica, nega não o argumento do seu interlocutor, mas a força dele. Ao negar que um indivíduo é inteligente enquanto afirma que ele é esperto, não é concluir que ele não passará no exame, pelo contrário, é concluir que ele passará no exame, porém com menor eficácia.

Quanto ao **mas_{SN}**, Veras (1989) também discorda de que ele sempre apareça junto de uma negação polêmica. Ela demonstra que nem sempre ele retifica um argumento, muitas vezes, apenas refuta um dos elementos da proposição **p**:

(9) X: Pedro veio de Campinas ontem de manhã.

Y: Ele não veio de Campinas ontem mas_{SN} na semana passada.

Ele não veio de Campinas mas_{SN} de Salto.

Ele não veio de Campinas ontem de manhã mas_{SN} à tarde.

No exemplo acima, a interpretação de refutação pode recair sobre qualquer elemento da proposição em virtude do cruzamento do escopo dos dois operadores: o “mas” e a negação. Sendo assim, Veras (1989) defende que a negação que precede **mas_{SN}** é uma negação metalinguística, ou seja, uma negação que tem por objetivo corrigir o enunciado de um locutor, enquanto a negação que vem antes de **mas_{PA}** é uma negação polêmica, pois nega não o enunciado do outro locutor, mas a força do argumento dele.

Dessa maneira, se aplicarmos essa análise à nossa sentença em questão, na primeira proposição do enunciado — “não tenho preconceito” —, há uma negação polêmica, portanto, dois Enunciadores: um E1 implícito no enunciado, que afirma ter preconceito (pelo funcionamento da negação polêmica), e um E2, que enuncia não ter preconceito. O Locutor, ao enunciar “não tenho preconceito”, assume a voz de E2 para se opor à de E1. Se o enunciado de E1 pode levar à conclusão **r** (o locutor é preconceituoso), E2 antecipa essa conclusão **r** e a nega.

(5) [E₂ Não [E₁ tenho preconceito]], mas_{PA} [E₃ não gosto de gay escandaloso]

No enunciado completo, quando o Locutor introduz a sentença com o “mas”, há a presença de um Enunciador (E₃) com o qual o Locutor se identificará. Por isso, embora o locutor antecipe a conclusão de seu enunciado e a negue, a sentença com o “mas” faz com que ele retome a posição negada. Entretanto, ela não é retomada por inteiro, pois a força do argumento foi negada. Ou seja, quando o locutor enuncia “não tenho preconceito, mas...”, ele não parece ter a intenção de negar o argumento de seu interlocutor, mas de negar a força dele, como se afirmasse “sou preconceituoso, mas não tanto”, o que nos leva a crer que estamos diante de um **mas_{PA}**.

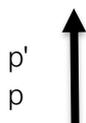
ESCALA ARGUMENTATIVA EM MAS_{PA}

Ducrot (1981) define que dois enunciados **p** e **p'** pertencem à mesma classe argumentativa (C.A.) se ambos são argumentos a favor de uma mesma conclusão **r**. Para ilustrar, o autor exemplifica da seguinte forma:

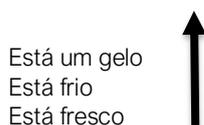
Suponhamos, por exemplo, que a vinda de Pedro e a de Paulo me parecem, tanto uma quanto outra, autorizar a conclusão *A reunião foi um sucesso*. Nesse caso, dir-se-á que para mim, os enunciados *Pedro veio* e *Paulo veio* pertencem à C.A. determinada por *A reunião foi um sucesso* (DUCROT, 1981b, p.180, grifos do autor).

O autor ainda observa que, na semântica argumentativa proposta por ele, não se espera que os argumentos sejam tomados como provas, justamente pelo próprio caráter da argumentação: todo argumento pode ser discutido ou rebatido. É a partir dessa ideia que Ducrot (1981, p. 180) defende que um argumento pode “autorizar uma conclusão sem impô-la”, por isso, é possível definir uma ordem entre os argumentos, elencando os mais fortes e os mais fracos numa gradação escalar.

Ao estabelecer argumentos mais fortes e mais fracos dentro de uma C.A., Ducrot (1981) chama de escala argumentativa (E.A.) a relação entre eles. Segundo o autor, se os enunciados **p** e **p'** aparecem numa C.A. — ou seja, se ambos enunciados levam à mesma conclusão **r** —, estabelece-se que **p'** é mais forte que **p**; logo, enunciar **p** para uma conclusão **r** implica que se aceite também concluir **r** de **p'**, mas não o inverso. Em outras palavras, quando um locutor assume o argumento mais fraco para determinada conclusão, pressupõe-se que o argumento mais forte também funcionaria para chegar à mesma conclusão. Ducrot (1981, p. 182, grifos do autor), portanto, propõe a seguinte formulação: “Diremos que o enunciado **p'** é mais forte que **p**, se toda classe argumentativa que contém **p** contém também **p'**, e se **p'** é nela, cada vez, superior a **p**.” O autor representa sua formulação da seguinte forma:



Para defender essa postulação, Ducrot (1981) apresenta diversos exemplos de como as escalas funcionam, um deles trata dos adjetivos de temperatura. Segundo ele, enunciados para dizer que a temperatura está fria — e, a partir disso, concluir-se algo como “feche a janela” — podem ser colocados numa mesma escala:



Isso significa dizer que o enunciado “está um gelo” é mais forte para se alcançar a conclusão “feche a janela” do que o enunciado “está frio”. Dessa forma, “[...] toda conclusão autorizada por um enunciado ‘fraco’ de uma escala, é autorizada ainda melhor por um enunciado ‘forte’ dessa escala” (DUCROT, 1981b, p. 185).

Essa análise dos adjetivos de temperatura pode ser expandida para outros tipos de adjetivos. Retomemos um exemplo anterior:

(8) X: Ele é inteligente.

Y: Ele não é inteligente, mas_{PA} é esperto.

Nos enunciados acima, são colocados na mesma C.A. os adjetivos “inteligente” e “esperto”, ambos argumentos a fim de orientar para a conclusão “ele vai passar no exame”. Logo, eles fazem parte da mesma E.A, em que ser “inteligente” é um argumento mais forte para a conclusão pretendida do que ser “esperto”:

Ele é inteligente ↑
 Ele é esperto

Sendo assim, um locutor que afirme “ele é esperto” para a conclusão “ele vai passar no exame” leva em conta que o enunciado “ele é inteligente” também levaria à mesma conclusão, até com mais força. Portanto, é justamente isso o que um enunciado com **mas_{PA}** precedido por uma negação polêmica faz: ele não nega a conclusão, mas a força do argumento para chegar a ela. Voltemos ao exemplo (8) mais uma vez, porém com uma pequena modificação na última parte da análise: tanto a conclusão de **q** quanto de **p**, **mas_{PA} q** passará a ser **r'**.

(8) X: Ele é inteligente.

Y: Ele não é inteligente, mas_{PA} é esperto.

p' = ele é inteligente

p' → r (ele vai passar no exame)

p = neg + p' = ele não é inteligente

p → ~r (ele não vai passar no exame)

q = ele é esperto

q → r' (ele vai passar no exame, com menor eficácia)

p, mas_{PA} q → r' (ele vai passar no exame, com menor eficácia)

Assim, o **mas_{PA}** mostra que a E.A. estabelecida entre **p'** e **q** não leva exatamente à mesma conclusão, pois a conclusão estabelecida por **q** é mais fraca do que a estabelecida por **p'**. Por isso, nesta análise e na que se seguirá, parece-nos relevante chamar as duas conclusões de **r** e **r'** para diferenciar suas posições na E.A. estabelecida. Afinal, se é dito que o locutor Y chega à mesma conclusão **r** de X, não parece haver um motivo para que esse locutor Y argumente.

MAS_{SN} E MAS_{PA}: AFINAL, QUAL A DIFERENÇA?

A partir da teorização de Veras (1989), percebemos que o uso de **mas** no português, em seu sentido semântico, pode ser ambíguo quando precedido por uma negação metalinguística. São os exemplos (6) e (8) discutidos acima.

(6) X: Ele é inteligente.
Y: Ele não é inteligente, mas_{SN} (é) esperto.

(8) X: Ele é inteligente.
Y: Ele não é inteligente, mas_{PA} é esperto.

Segundo Veras (1989), a desambiguação do sentido — se o **mas** é **PA** ou **SN** — acontece no nível pragmático da língua: é a intenção do falante que determinará por um ou outro sentido. Se a intenção de Y for a de retificar a fala de X, estaremos diante de um **mas_{SN}**. Por outro lado, se a intenção de Y é argumentar a favor de uma conclusão oposta da de X, ou, como vimos acima, de diminuir a força da conclusão em uma escala, estaremos diante de um **mas_{PA}**.

A partir dessas reflexões de Veras (1989), de que o **mas_{PA}** pode apresentar uma característica particular do **mas_{SN}**, como ser precedido de uma negação metalinguística, perguntamo-nos, então, se o **mas_{SN}** também poderia apresentar alguma característica do outro, portanto, ser argumentativo.

Na sentença analisada por Vogt e Ducrot (1980), “ele não é médico, mas professor”, nada pode nos sugerir que estamos diante de um “mas” com valor argumentativo, apenas de uma simples retificação. Entretanto, a sentença de Veras (1989), “ele não é inteligente, mas esperto”, deixa-nos em dúvida em relação a qual “mas” está sendo utilizado. A autora reconhece na estrutura a negação polêmica em ambos, por isso, afirma sua ambiguidade: a estrutura **não B, mas A** é ambígua pela negação, ao passo que **B, mas A** sempre será interpretado como **mas_{PA}**. Entretanto, percebemos, ainda, outro detalhe nos exemplos dos autores: o uso de adjetivos na sentença de Veras (1989).

(3) Ele não é professor, mas_{SN} médico.

(6) Ele não é inteligente, mas_{SN} esperto.

Em (3), “professor” e “médico” são substantivos, por isso, não disparam nenhuma E.A. Dessa forma, o **mas_{SN}** tem apenas seu sentido retificador. Já em (6), “inteligente” e “esperto” são ambos adjetivos, portanto, disparam um E.A. Logo, o **mas** não está ali apenas para retificar um termo, mas sim para argumentar a favor de uma outra conclusão, não oposta à primeira, apenas com força menor.

Diferentemente de Veras (1989), que considera como uma escolha do falante ser argumentativo ou não, nós não conseguimos enxergar na sentença (6) uma simples retificação, justamente pelo uso dos adjetivos. Quando Vogt e Ducrot (1980) analisam os enunciados (3) e (4), eles parecem não notar a diferença na escolha das classes de palavras em cada exemplo, muito menos nos usos das negações, como chamou a atenção Veras (1989). Deprendemos desses exemplos que a argumentação é gerada mais pelo uso de adjetivos e das negações do que pela conjunção **mas** propriamente dita.

Assim, o **mas_{SN}** também é argumentativo, ou seja, concorre para levar a uma determinada conclusão, a mesma do enunciado precedente, mas retificada. A diferença entre eles é a de que o **mas_{PA}** inverte a força argumentativa e leva a uma conclusão contrária ou com menor força àquela prevista inicialmente, enquanto o **mas_{SN}** recusa o argumento que leva à conclusão, aponta na mesma direção argumentativa, mas retifica a premissa que leva à conclusão. Logo, o **mas_{SN}** tem duas interpretações possíveis: uma de retificação simples, e outra argumentativa.

Se, a partir dessas demonstrações de que ambos os usos do **mas** podem apresentar características semânticas semelhantes, como saberemos diante de que **mas** estamos em cada sentença? Para Veras (1989), a resposta está na Pragmática, na intenção do falante. Mas nós, ancorados numa visão discursiva da linguagem, acreditamos que o sentido é construído pelo discurso em que o enunciado está inserido e que os sujeitos flutuam pelas estruturas que a língua lhes oferece. Então, precisamos averiguar como os sujeitos falantes utilizam essas estruturas que estão à sua disposição.

A primeira percepção que tivemos, derivada de nossa intuição como falantes da língua, uma vez que não nos debruçamos teoricamente sobre a questão neste momento, foi a de que o **mas_{SN}**, no seu sentido retificador clássico, é pouco produtivo em português, pelo menos nos discursos orais.

De acordo com Veras (1989), na sentença (8), “ele não é inteligente, **mas_{PA}** é esperto”, é impossível retirar o verbo “é” da proposição **q** sem alterar o sentido, o que não acontece na sentença (6), “ele é inteligente, **mas_{SN}** (é) esperto” — por isso os parênteses nesse exemplo. Ainda, se mantivermos o verbo “é” e excluirmos o “mas” em (6), o mesmo sentido de retificação de uma negação metalinguística será mantido.

(6) X: Ele é inteligente.

Y: Ele não é inteligente, **mas_{SN}** é esperto.

Y': Ele não é inteligente, **mas_{SN}** esperto.

Y'': Ele não é inteligente, é esperto.

Y''': Ele não é inteligente, ele é esperto.

De todas as sentenças possíveis de serem ditas pelo locutor, Y, Y' e Y''' são as que parecem soar melhor para o português brasileiro falado, principalmente a última, já que apresentamos uma tendência em preencher os sujeitos com pronomes pessoais mesmo em contextos em que pode ocorrer uma elipse.

A partir dessa reflexão, questionamos alguns professores de espanhol sobre esses usos, uma vez que, em espanhol, cada sentido do “mas” é expresso por um vocábulo diferente: “*sino*” para **mas_{SN}** e “*pero*” para **mas_{PA}**. Para tentar confirmar nossa hipótese, fizemos uma versão das sentenças (6) e (8) elaboradas por Viviane Veras para o espanhol e, então, perguntamos aos professores como eles as traduziriam para o português:

(6') Él no es inteligente, sino astuto.

(8') Él no es inteligente, pero es astuto.

Todos eles confirmaram nossa hipótese ao sugerir a mesma tradução para as sentenças:

(6') es. Él no es inteligente, sino astuto.

pt. Ele não é inteligente, (ele) é esperto.

(8') es. Él no es inteligente, pero es astuto.

pt. Ele não é inteligente, **mas_{PA}** é esperto.

Acreditamos que isso acontece justamente por conta da negação que antecede cada um dos tipos de “mas”. Com o **mas_{PA}**, é possível construir uma sentença sem a negação em **p** e,

quando esta aparece, é sempre uma negação polêmica no sentido de diminuir a força do argumento do outro enunciador. Por outro lado, com o **mas_{SN}**, não é possível construir uma sentença sem uma negação polêmica em **p**, uma vez que é utilizado justamente para refutar e, depois, retificar. Dessa maneira, parece-nos que uma proposição **q** inserida por uma oração coordenada assindética seja suficientemente forte para retificar uma proposição **p = não + p'**.

Outra tradução que apareceu para (6') foi substituir o “*sino*” por “mas sim”:

(6') es. Él no es inteligente, sino astuto.

pt. Ele não é inteligente, mas sim esperto.

Essa tradução, apesar de ainda utilizar o vocábulo “mas”, parece não dar nenhuma força semântica a ele. A negação da proposição **p** estabelece-se com a partícula “não” enquanto a retificação em **q** ganha mais peso ao se utilizar “sim” para afirmar.

Além da questão da negação, ainda há a questão das escalas que reforçam a ideia de que o **mas_{SN}** é pouco produtivo em português. Na sentença (3), exemplo de Vogt e Ducrot (1980), a oposição entre dois substantivos poderia ser expressa da seguinte forma, sem perder o seu sentido:

(3') Ele não é médico, (ele) é professor.

A ausência de uma E.A. nessa sentença faz com que o **mas_{SN}** desapareça e seja substituído por uma coordenada assindética, “ele não é médico, é professor”, em que a retificação através da negação do predicado inicialmente atribuído é mais direta, produzida pela força ilocucional assertiva.

Por outro lado, os adjetivos sempre parecem carregar um valor argumentativo, pois são passíveis de estar em uma escala. É possível acontecer de substantivos também dispararem escalas, mas somente quando utilizados em sentido metafórico ou metonímico. Por exemplo, “ele não é uma tartaruga, mas uma lesma”, para falar da velocidade de uma pessoa, ou, para seguir a linha do “médico” e “professor”: “ele não é médico, mas farmacêutico”, para falar do campo de conhecimento de um profissional, numa escala em que ser “médico” demonstra ter mais conhecimentos do que ser “farmacêutico”. Para que haja uma E.A., é necessário que a oposição aconteça entre adjetivos (ou substantivos com valor de adjetivo) do mesmo campo semântico, como é o caso de “inteligente” e “esperto”.

Se retomarmos o exemplo (4- “esta casa é bonita, mas é cara”) de Vogt e Ducrot (1980) e substituirmos o **mas_{PA}** por um **mas_{SN}**, mesmo inserindo uma negação polêmica na primeira proposição, não teremos uma sentença argumentativa. Nesse caso, temos apenas a retificação, pois “bonita” e “cara” são de campos semânticos diferentes, portanto, não disparam uma E.A. Para que os adjetivos “bonita” e “cara” possam disparar uma E.A. numa relação adversativa, é preciso que estejam inseridos em um contexto específico, pragmática ou discursivamente. Para interpretar as conclusões a partir de um contexto, é preciso que o “mas” utilizado seja um **mas_{PA}**.

Logo, é o **mas_{PA}** que carrega, por excelência, o valor argumentativo, como já postularam Vogt e Ducrot (1980). O **mas_{SN}** só aparecerá em enunciados com caráter argumentativo se estiver opondo dois adjetivos (ou substantivos com valor de) do mesmo campo semântico. Assim, podemos pensar numa expansão das características dos usos de **mas**:

Tabela 1: Comparação entre mas_{SN} e mas_{PA}

MAS_{SN}	MAS_{PA}
<ul style="list-style-type: none"> apresenta a estrutura “não B, mas A”. a estrutura “não (é) B, (é) A” parece ser mais comum no português brasileiro. 	<ul style="list-style-type: none"> geralmente apresenta estrutura “B, mas A” pode apresentar estrutura “não B, mas A”.
<ul style="list-style-type: none"> é retificador quando opõe dois substantivos. é argumentativo quando opõe dois adjetivos do mesmo campo semântico. 	<ul style="list-style-type: none"> é sempre de natureza argumentativa.
<ul style="list-style-type: none"> mas_{SN}^1: Oposição de substantivos: a conclusão r vai na mesma direção de seu interlocutor, porém retifica a premissa. mas_{SN}^2: Oposição de adjetivos: a conclusão r vai na mesma direção de seu interlocutor, porém diminui sua força em uma E.A. 	<ul style="list-style-type: none"> mas_{PA}^1: “B, mas A”: o movimento argumentativo é o de levar a uma conclusão r totalmente oposta da premissa. mas_{PA}^2: “não B, mas A”: o movimento argumentativo é o de retificar a força da conclusão, diminuindo-a em uma E.A.

Fonte: o autor

À GUIA DE CONCLUSÃO: “NÃO TENHO PRECONCEITO, MAS...”

O enunciado que nos instigou desde o princípio a retornar à teorização de Vogt e Ducrot (1980) sobre o “mas” nos obrigou também a retornar às teorias de Ducrot (1981) sobre as negações e as escalas argumentativas, além de visitar o trabalho de Veras (1989), pois, somente na complexidade de formulações que aparecem no enunciado (5) é que podemos analisá-lo com mais eficácia. Retomemo-lo:

(5) Não tenho preconceito, mas não gosto de gay escandaloso.

Primeiramente, há de se notar a E.A. argumentativa nas sentenças “tenho preconceito” e “não gosto de gay escandaloso”. Talvez o sujeito-falante, quando enuncia a segunda sentença, tente se eximir de seu preconceito, mas o que ele faz, na verdade, é apenas diminuir sua força: se ele não gosta de gay escandaloso, ele tem preconceito com essa categoria de homossexuais. Logo, temos a seguinte E.A.:

ter preconceito contra gays
 ter preconceito contra gays escandalosos



Em seguida, notamos, também, uma negação polêmica na primeira parte do enunciado: ao enunciar “não tenho preconceito”, o locutor está se colocando em oposição a um interlocutor (real ou imaginário) que pudesse o acusar de ser preconceituoso.

(5) X: Você é homofóbico.

Y: Não tenho preconceito, mas não gosto de gay escandaloso.

Nesse contexto, podemos fazer a seguinte análise:

p' = “Você é homofóbico”

$p' \rightarrow r$ [Y é preconceituoso]

$p = \text{neg} + p'$ = “Não tenho preconceito”

$p \rightarrow \sim r$ [Y não é preconceituoso]

q = “não gosto de gay escandaloso”

$q \rightarrow r$ [Y não é tão preconceituoso]

Logo:

$p, \text{ mas } q \rightarrow r'$ = [Y não é tão preconceituoso quanto supõe X]

A princípio, pensávamos que, quando um sujeito-falante enunciava “não tenho preconceito, mas...”, ele estava se contradizendo, pois, ainda assim, expressava seu preconceito. Entretanto, percebemos que a estratégia desse sujeito-falante é tentar mostrar que, embora ele seja preconceituoso, ele é menos do que se supunha, pois ele ainda mantém um certo nível de tolerância.

Por outro lado, quando escutamos enunciados como este, não podemos deixar de evidenciar que ele é, sim, preconceituoso e que essa estratégia não pode ser validada. Afinal, será que existem graus diferentes de preconceito como existem graus diferentes de frio? Acreditamos que não.

REFERÊNCIAS

- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- DUCROT, Oswald. O papel da negação na linguagem comum. *In*: _____. **Provar e dizer**: Linguagem e Lógica. São Paulo: Global, 1981. p. 93-104.
- DUCROT, Oswald.. As escalas argumentativas. *In*: _____. **Provar e dizer**: Linguagem e Lógica. São Paulo: Global, 1981. p. 178-228.
- DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. *In*: _____. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987. p. 161-218.
- VERAS, Viviane. **Mundo, mas linguagem**: uma leitura semântica da conjunção *mas*. 1989. 112 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 20/12/1989.
- VOGT, Carlos; DUCROT, Oswald. De *magis a mas*: uma hipótese semântica. *In*: VOGT, Carlos. **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: HUCITEC, 1980. p. 103-128.

Recebido em 28-10-2020
 Revisões requeridas em 03-12-2020
 Aceito em 19-12-2020